

Filipe Conceição - PIRES, Hélio (2024), *No tempo dos Vikings*, Estoril, Edições Saída de Emergência. ISBN 978-989-9138-84-1, 302 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 230-233.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1r3

PIRES, Hélio (2024), *No tempo dos Vikings*, Estoril, Edições Saída de Emergência. ISBN 978-989-9138-84-1, 302 pp.

Da autoria de Hélio Pires, doutor em História Medieval pela Universidade Nova de Lisboa, no *Tempo dos Vikings* tem como objetivo chegar a um público-alvo abrangente, utilizando para o efeito uma linguagem mais coloquial, mas sem perder o fito científico da obra. Aliás, se há algo que o autor demonstra ao longo das mais de 300 páginas que compõem o livro, é o de possuir um domínio claro sobre as fontes, sejam elas de âmbito literário, arqueológico ou pictórico, sejam elas provenientes do Norte da Europa, do Mediterrâneo Oriental ou do espaço atlântico. Ao longo de 16 capítulos, o autor procura dar resposta a uma miríade de tópicos, desde os mais “essenciais ou mesmo conceptuais a outros mais do domínio da cultura geral, de ideais antigas a debates mais recentes e até polémicos” (p. 14), sempre com uma palavra central: diversidade. Para tal, lança uma pergunta, seguindo-se uma análise de conceitos e elabora o seu pensamento acerca do tema, fechando o capítulo com uma pequena conclusão.

Estruturalmente, os três primeiros capítulos focam-se no que foi a *Idade Viking* - período entre os finais do século VIII e as últimas décadas do século XII -, na forma como se deu a expansão destes homens e mulheres pelo mundo (des)conhecido e qual o seu papel, e consequente impacto. Segundo Pires, tratou-se em larga medida de uma atividade bastante descentralizada e desorganizada face ao cenário político fragmentado da Escandinávia do período em estudo, sobretudo quando comparado com a expansão marítima portuguesa, promovida pela coroa (p. 18). Mas os seus efeitos foram muito além da pirataria e dos saques com que Hollywood os faz representar, tendo sido responsáveis pela colonização e urbanização de territórios como, por exemplo, a Islândia ou a Irlanda – como é o caso da base de apoio à pirataria nórdica que deu origem à cidade de Dublin -, bem como pelo estabelecimento de redes comerciais muito para além do mar Báltico.

Oriundos da Escandinávia, é importante referir que nem todos aqueles que aí viviam eram considerados Vikings. Um Viking tinha tanto de comerciante como pirata e guerreiro (p. 51), o que implicava, num e noutro casos, uma larga mobilidade, atividade à qual nem todos almejavam, pelos perigos que representava. Associado à sua imagem estão os barcos, principal

Filipe Conceição - PIRES, Hélio (2024), *No tempo dos Vikings*, Estoril, Edições Saída de Emergência. ISBN 978-989-9138-84-1, 302 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 230-233.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1r3

veículo de transporte, sinal de riqueza e prestígio, cujas tripulações incluíam ostracizados e desfavorecidos da sociedade. Tinham ainda um pendor multiétnico, sendo que todos os indivíduos tinham direito a receber parte dos despojos, mas também a pedir contas às suas lideranças. Em suma, é o que o autor, e outros antes dele, chama de “hidrarquia», ou seja, onde todos os membros da tripulação podiam substituir o comandante da embarcação, fosse qual fosse a causa que levasse a esse desfecho.

E é com base nestes conceitos, mas não só, que o autor de *Tempo dos Vikings* explora o que pode ser considerado um movimento expansionista descentralizado pelo ocidente europeu, com o foco em Inglaterra (capítulo 4), onde o “Grande Exército” (865-879) ou a conquista de Inglaterra por Guilherme da Normandia após a vitória em Hastings em 1066, foram momentos determinantes na organização social e política das ilhas britânicas. Esse movimento também se deu ora para Leste (capítulo 5), para os espaços de influência eslava e russa – esta última que deriva do termo “russ” – ora para o espaço mediterrânico, mais concretamente para o império Bizantino (capítulo 6), onde serviram diferentes imperadores enquanto membros da “Guarda Varanga”. Já a expansão atlântica (capítulo 7) desenvolveu-se por fases, começando pelas ilhas Faroé, seguindo-se a colonização da Islândia e da Gronelândia e, por último, por incursões exploratórias à Terra Nova.

Todos estes movimentos resultaram na produção de inúmeros vestígios arqueológicos. Numa sociedade predominantemente oral, as fontes escritas diretas eram escassas, salvo as runas e alguma legislação, que com o tempo começou a ser escrita. Para colmatar os vazios, o autor recorreu a fontes externas ao mundo nórdico. Haraldr Harðráði, também conhecido como o “último viking”, é um bom exemplo do manejo de diferentes fontes, já que para a sua descrição o autor recorre à História dos Arcebispos de Hamburgo-Bremen, da autoria de Adão de Bremen, e às coletâneas de sagas de reis, como a Morkinskinna, a Fagrskinna e a Heimskringla. Outra fonte que Pires utiliza é o Strategikon, manual escrito na década de 1070 por um general bizantino e que, segundo o autor, é uma das mais antigas e a melhor referência a Haraldr (p. 111-114), permitindo reconstituir o seu percurso da Escandinávia a Constantinopla, Sicília, Bulgária e o retorno à Escandinávia.

Os restantes capítulos (8-16) são dedicados à desmistificação e desconstrução de visões contemporâneas sobre os Vikings e o mundo nórdico. Um dos exemplos mais violentos é o mito da “águia de sangue”, descrito de várias formas conforme a fonte. No caso menos

Filipe Conceição - PIRES, Hélio (2024), *No tempo dos Vikings*, Estoril, Edições Saída de Emergência. ISBN 978-989-9138-84-1, 302 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 230-233.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1r3

expressivo, *Aella*, rei da Nortúmbria, teria as suas costas gravadas com uma águia. Já a descrição mais violenta é de que teria as costelas cortadas com uma espada e os pulmões extraídos pelas costas, destino que Hálfdan, filho do rei norueguês Haraldr hárfagri, teria também sofrido (p. 149). Porém, uma releitura das fontes indica tratar-se “cair sob as garras da águia ou do corvo (...) têm o sentido de animais necrófagos que comem o corpo de quem foi morto (...)”, sendo uma forma de dizer que “alguém caiu em combate”. Ou seja, trata-se de alusões e metáforas, não de referências diretas e literais, como defende o autor (pp. 150-151). Esta ambiguidade estende-se a outras componentes da sociedade nórdica, como a ideia de que eram anticristãos (capítulo 10), quando, na realidade, os deuses nórdicos eram multifacetados e apresentavam uma multiplicidade de papéis que, de certa forma, podiam relacionar-se com os santos cristãos (p. 183).

Não podemos deixar de evidenciar os capítulos 13 e 14, que abordam questões relacionadas com o sexo e o género, e o seu impacto no seio da sociedade nórdica, fugindo à visão binária de homem e mulher. E são múltiplas as histórias e lendas que exemplificam como os próprios deuses fugiam a estas convenções, como é o caso da Edda de Snorri em “Gylfaginning”, em que Loki assume a forma física de uma égua, com o objetivo de atrair o cavalo de um gigante com que Thor tinha feito uma aposta, com Loki a ter relações físicas e a engravidar do equídeo, do qual viria a dar à luz um potro de oito pernas, que mais tarde se veio a tornar o cavalo de Odin (pp. 221-222). Trata-se de um deus, masculino, que sempre que a circunstância o exigia mudava de género, quebrando as normas sociais. Podemos falar também das mulheres, deusas ou humanas, que adotavam papéis tradicionalmente masculinos, sobretudo no que diz respeito à guerra. É o caso das deusas Skaði e Freyja, das míticas Valquírias, ou das ossadas da campá Bj. 581, inicialmente (em 1879) identificadas como sendo de um homem enterrado com um número elevado de artefactos de guerra. Porém, uma nova análise osteológica, realizada na década de 1970, concluiu tratar-se de uma mulher, informação confirmada após nova análise genética e isotópica em 2017 (p. 244). Apesar das dúvidas levantadas, a sua ligação à guerra veio ajudar a “quebrar convenções ou papéis de género tradicionais” numa atividade dominada pelo género masculino (p. 248).

Em suma, esta obra procura aproximar o leitor de um mundo distante e muitas vezes envolto em mitos e manipulado por questões que transcendem a própria História. Ao abrir a discussão, com base num conjunto variado de fontes, Hélio Pires apresenta um trabalho

Filipe Conceição - PIRES, Hélio (2024), *No tempo dos Vikings*, Estoril, Edições Saída de Emergência. ISBN 978-989-9138-84-1, 302 pp. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 230-233.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1r3

rigoroso, aprazível e convidativo à leitura, sobretudo para aqueles que têm a História como um prazer e não um ofício.